UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

MARIANA REZENDE MONTEIRO

ARTE, REABILITAÇÃO E SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES TEÓRICAS

Brasília – DF
2023

MARIANA REZENDE MONTEIRO

ARTE, REABILITAÇÃO E SUBJETIVIDADE: REFLEXÕES TEÓRICAS

Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais, habilitação em licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Magalhães Goulart

Brasília – DF
2023

ARTE, REABILITAÇÃO E SUBJETIVIDADE:
REFLEXÕES TEÓRICAS

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho Final do Curso de Artes Visuais da Universidade de Brasília da estudante

Mariana Rezende Monteiro

_____

Prof. Dr. Daniel Magalhães Goulart

Presidente

_____

Profª. Dra. Patrícia Lima Martins Pederiva

Membro

_____

Profª. Dra. Rosana Andréa Costa de Castro

Membro

Brasília – DF
2023

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, José Paulo e Luciene, obrigada por confiarem em mim e me amarem incondicionalmente, vocês merecem todas as viagens de carro e encontros com o mar que a vida tem a oferecer. Rodrigo, obrigada por ser o melhor irmão que eu poderia ter. Minhas queridas avós Lila Rute e Maria Teresa, obrigada por todas as histórias, comidas afetivas, carinho e abrigo. Tia Andreia, tia Bia, tia Cecília e Kamilla, obrigada pelo amor. Aos padrinhos, Cátia, Lúcio, Alessandro e Cláudia, obrigada por me acolherem, me sinto sortuda em tê-los em minha vida. A todos os que já se foram, mas continuam vivos em minha memória, obrigada.

Arthur Lara, agradeço por toda a sinceridade, companheirismo, amor e paixão!

Agradeço imensamente aos amigos e colegas que me apoiaram e me ajudaram, cada um à sua maneira, durante a minha trajetória na UnB. Aos amigos de longa data, Luísa, Indra, Amanda, Bruna, Yago, Luisa R., Fê/Lipe, Carol e Dani, sei que posso contar com vocês, obrigada, é recíproco!

Agradeço a Universidade de Brasília e as demais instituições que me acolheram e contribuíram para o meu processo de formação, em especial à rede de hospitais de reabilitação em que pude exercer o papel de estagiária de artes visuais. Aos pacientes que tive a oportunidade de conhecer e trabalhar junto, agradeço pela confiança e pelos momentos de troca. Aos amigos que fiz no estágio, Kelly, Edu e Monique, conhecer vocês foi transformador e fez toda a diferença. Às colegas e supervisoras de estágio, Letícia, Thami, Mirelle, Fernanda e Raquel, obrigada pelos aprendizados e oportunidades de crescimento.

Às professoras e professores que me afetaram desde o jardim de infância até a faculdade, lembro com carinho de alguns rostos amorosos e esperançosos - obrigada por terem escolhido a docência!

Professor Daniel, agradeço pelas aulas que impactaram positivamente minha jornada na UnB, bem como pela orientação fornecida.

Por fim, agradeço a banca examinadora pelo tempo e disponibilidade para lerem o meu trabalho de conclusão de curso e participarem da minha defesa.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso em licenciatura em Artes Visuais é composto por um estudo teórico que aborda os temas da arte/educação, da reabilitação infantil e da neurorreabilitação em lesão medular, construindo considerações à luz da Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural de González Rey. A pesquisa possui caráter interdisciplinar, de maneira a propor diálogos entre as Artes Visuais, a Pedagogia e a Psicologia. O estudo parte de um aprofundamento teórico sobre o uso da arte em ambientes reabilitadores e inquietações da minha experiência enquanto estagiária de Artes Visuais em um hospital de reabilitação. O trabalho inicia com uma breve contextualização da reabilitação, com enfoque na neurorreabilitação em lesão medular e reabilitação infantil. Posteriormente, uma discussão sobre Artes Visuais nesse contexto foi construída com ênfase na arte/educação e na arte reabilitação, com considerações acerca da educação estética e da perspectiva histórico-cultural. Por fim, foi apresentada a Teoria da Subjetividade como alicerce teórico para discutir desdobramentos da reabilitação a partir do trabalho da arte/educação. Nesse sentido, refletir sobre esse trabalho a partir da Teoria da Subjetividade permitiu a ampliação do olhar sobre produções e processos humanos, que podem se configurar potentes para transformações, estímulo à autonomia e percepção de potencial, de maneira a favorecer processos de inclusão.

Palavras-chave: Artes Visuais; arte/educação; reabilitação; interdisciplinaridade; Teoria da Subjetividade.

SUMÁRIO

Memorial descritivo..... 7
1. Introdução.....10
2. Breve contextualização sobre reabilitação.....12
3. Arte/educação e Reabilitação.....15
4. Teoria da Subjetividade.....25
5. A dimensão subjetiva da reabilitação a partir do trabalho da arte/educação.....28
6. Considerações finais.....32
Referências.....34

MEMORIAL DESCRITIVO

Falar sobre a própria trajetória, lembrar dos pontos mais importantes e sintetizar em um pequeno texto que me apresente aos outros é desafiador. Mas nunca estive sozinha e isso me acalenta. Desde sempre tive companhia e estive rodeada por pessoas carinhosas e dedicadas com a minha educação. Lembro de muita coisa da minha infância, que considero um período feliz e leve da vida. Entre tantas memórias, uma das mais antigas relacionadas à educação era de acordar cedo, mas não tão cedo quanto o resto da minha família, e assistir o final do Telecurso 2000, logo antes do Globo Rural.

Lembro de ir para a escola cedo, com 3 para 4 anos. Não achava ruim, gostava. Esses primeiros anos no Jardim de Infância eram muito prazerosos. Gostava muito de desenhar e de imaginar brincadeiras junto com as outras crianças. Lembro de aprender as letras do alfabeto e escrever "tumbalacatumba" em caixa alta ainda nesta época. Peça fundamental da minha formação, além dos meus pais, foi minha vó Lila, que esteve muito presente no meu processo de alfabetização e carrego até hoje em minha escrita um pouco de sua letra - que aprimorou minha caligrafia ao fazer as letras cursivas pontilhadas para que eu pudesse passar o lápis por cima.

Minha família como um todo incentivou bastante as brincadeiras de imaginação, o desenho e as habilidades manuais e artísticas no geral. Quase todos os integrantes da minha família se ocupavam com práticas manuais, com a marcenaria, o crochê e a própria culinária. As avós tiveram papel fundamental na minha constituição, onde sempre tive incentivo e abrigo para fazer o que gostava com muita liberdade. Teresa e Lila são avós fenomenais e reconheço o grande incentivo que tive delas ao percorrer o caminho das artes. As Artes Visuais ocuparam um papel significativo na minha trajetória pelo desenho e desde que me lembro ocupo meu tempo desenhando e imaginando universos, paisagens e afins.

A escola, por motivos que hoje entendo com maior clareza, fomentou a criação artística por muitos anos no início da minha trajetória escolar, se mostrando presente nas atividades de português, matemática e ciências também. Me recordo vividamente de gincanas e feiras de ciência, onde diversas vezes contribui para a decoração da sala, com as atividades manuais. As salas ficavam cheias de elementos visuais que criavam uma atmosfera imersiva sobre o tema proposto para pesquisa e apresentação da turma. Meus pais foram presentes em todos esses momentos. Significou muito.

Infelizmente a escola quebra essa atmosfera lúdica e extremamente artística à medida que seus alunos vão ficando mais velhos e não foi diferente comigo. Ainda assim, expressava apreço por essa área de conhecimento nas aulas e provas de Artes Visuais. Nas práticas individuais mantive vivo o hábito artístico, e como forma de gratidão e amor pelos que me rodeavam, por vezes produzi e continuo produzindo cartões, cartas e desenhos para meus familiares e amigos próximos. A arte pode se expressar no cotidiano por atos de carinho como esses e permanece viva dessa forma, sendo capaz de ativar memórias, sensações adormecidas.

Apesar da paixão pelas artes, a escolha do curso foi permeada por dúvidas e incertezas. Inicialmente iria fazer design, por achar menos arriscado. No entanto, depois de entrar em contato com a história de Nise da Silveira e perceber o potencial da arte para acessar e atravessar pessoas e áreas de conhecimento diversas, percebi que queria exatamente aquilo. Pensar em arte e saúde foi essencial para a minha escolha e ingressei na UnB no curso de Artes Visuais (licenciatura) no primeiro semestre de 2018.

Dentro do departamento de Artes Visuais dei início a uma jornada de experimentações e vivenciei muitas técnicas e linguagens artísticas diferentes. Me apaixonei pela licenciatura nesse processo. A UnB é um sonho e estive nesse espaço com muito carinho. Me permiti viver o espaço da universidade, pegar matérias de diferentes departamentos e fazer, a cada semestre, colegas dos mais variados cursos. No entanto, por vezes dentro do meu departamento, senti frustração pela falta de protagonismo da licenciatura, que considero tão potente e revolucionária nas artes, e acabei cursando diversas matérias da Faculdade de Educação e do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento para preencher essa lacuna, bem como procurei participar de simpósios e cursos complementares por fora da UnB, que acabaram por fomentar muitas inquietações.

O orgulho e o prazer que tinha e tenho em ser da licenciatura me levou para caminhos transformadores. Participei de projetos educacionais e iniciativas artísticas ao longo do curso e mantive vivo na memória o que me impulsionou a cursar Artes Visuais. Quando abriu uma vaga de estágio em arte/educação para atuar dentro de um hospital de reabilitação, me dediquei completamente às provas e etapas do processo seletivo, pois esse era o sonho, a motivação de tudo. Felizmente passei na seleção e aproveitei cada oportunidade que o ambiente hospitalar tinha a oferecer e conheci pessoas incríveis ao longo dessa jornada que durou quase dois anos.

Entrei junto com uma leva multidisciplinar de estagiários de artes, pedagogia e educação física, que foram treinados juntos, permitindo uma visão interdisciplinar da reabilitação. No horário de almoço nos sentávamos na mesa e conversávamos sobre tudo, mas

principalmente sobre o que estávamos vivenciando e aprendendo. Esses momentos de trocas livres foram fundamentais para o meu processo de formação. Me motivei e motivei meus amigos e colegas e crescemos juntos dentro e fora daquele espaço. Além disso, os pacientes/alunos me constituíram como arte educadora e sou extremamente grata por tudo.

Concomitante ao período de estágio, participei do Programa de Residência Pedagógica, pela CAPES, e fui direcionada para uma escola parque para trabalhar com turmas de quarto e quinto ano sob a supervisão de um professor de Artes Visuais durante aproximadamente um ano. Mais uma vez, pude trabalhar diretamente com os alunos e aprender com os grupos. É evidente que, apesar da formação acadêmica, a prática e o contato com as pessoas são os momentos mais significativos de ensino-aprendizagem.

A Teoria da Subjetividade e a teoria histórico-cultural mudaram minha perspectiva sobre a educação e possibilitaram reflexões que considero essenciais para minha constituição como ser humano e como arte educadora. Tudo foi de extrema importância. A infância e o estágio com maior força ainda. Nada seria possível sem paixões e afeto. Acreditei e me debrucei sem medo pelas minhas áreas de interesse. O futuro é totalmente incerto, talvez tudo o que fiz me leve a caminhos totalmente opostos, mas tenho a certeza de que vivi e aproveitei com muita alegria algumas escolhas, e mesmo que nunca mais pise em um hospital como arte educadora, o que aprendi transformou minha forma de agir e pensar positivamente.

Talvez seja sorte, mas me deparei com pessoas fenomenais ao longo dessa trajetória acadêmica, que nutriram com muito carinho e respeito meus incômodos. Nesse contexto, essa pesquisa surge a partir de inquietações vinculadas a interesses e paixões pessoais sobre a potência da arte/educação em ambientes de saúde.

1. Introdução

Este trabalho parte de inquietações provenientes da minha experiência como estagiária de Artes Visuais dentro de um hospital de reabilitação, no qual permaneci por cerca de dois anos. Durante o período de estágio não-obrigatório dentro da instituição, estive sob supervisão da equipe de Psicopedagogia/Artes, composta por psicopedagogas e professoras de Artes Visuais, onde foi possível presenciar e participar de diversas aulas, oficinas e grupos da Psicopedagogia/Artes que compõem o programa de reabilitação para pacientes internados nas alas da pediatria, neurologia e lesão medular. Dentre eles, pude observar, auxiliar e ministrar com maior frequência e autonomia Oficinas de Artes Visuais, Grupos de Reeducação da Escrita e Grupos de Arte e Literatura com pacientes da neurorreabilitação em lesão medular e reabilitação infantil, respectivamente.

O contato com pessoas que estão passando por um processo tão complexo como é a reabilitação, provoca inquietações ao redor, de modo que o entendimento sobre a vida cotidiana, bem-estar, potencialidade, expressão e construção de saberes são alterados após esse encontro. À vista disso, questionamentos e ponderações acerca da atuação do professor de artes em ambiente hospitalar, reabilitação e processos que constituem a formação individual e coletiva de um espaço se mostram pertinentes. A dimensão subjetiva da reabilitação é importante nessa vivência como perspectiva teórica para refletir sobre a ação profissional em diálogo com uma construção interdisciplinar com ênfase na arte/educação.

O uso da subjetividade neste trabalho não se restringe meramente ao significado da palavra em seu senso comum, mas está relacionada à Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural, elaborada pelo psicólogo Fernando González Rey. Em minha trajetória como estudante, tive contato com a Teoria da Subjetividade semestres antes de iniciar o período de estágio, de maneira que este trabalho articula esse referencial a esse campo hospitalar, promovendo um encontro entre Artes Visuais, Psicologia e Pedagogia.

O conhecimento sobre a teoria influenciou minha experiência na área de arte reabilitação e permitiu um olhar diferenciado para as situações que me deparei ao longo da formação de estágio, o que auxiliou na construção de ações e soluções criativas que melhor se adequassem ao público em questão. O contato com a teoria não garante mudanças, mas torna possível uma nova perspectiva para compreender o indivíduo e o social, com desdobramentos éticos, levando em consideração a unidade entre o simbólico e o emocional, juntamente ao contexto em sua construção, o que, consequentemente, permite uma nova perspectiva para conceber processos de ensino e aprendizagem.

Trata-se de um trabalho teórico com o objetivo de refletir sobre a dimensão subjetiva da reabilitação infantil e neurorreabilitação em lesão medular a partir do trabalho da arte/educação, enfatizando possibilidades e desafios para o trabalho com esse público. Essa reflexão teórica tem como base os temas da reabilitação infantil, neurorreabilitação em lesão medular, arte/educação, arte reabilitação e Teoria da Subjetividade. Como marco teórico, este trabalho de conclusão de curso concentra-se em publicações atuais de autores como Fernando González Rey e Albertina Mitjan Martínez para pensar a Teoria da Subjetividade e Ana Amália Barbosa, Cláudia Simas e Olívia Brandão para elaborar sobre arte/educação e reabilitação, além de outros autores com enfoque na teoria histórico-cultural, de Vigotski, e educação estética em artes.

O trabalho está estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento apresento uma breve contextualização sobre "reabilitação", que aborda uma visão histórica da reabilitação em um âmbito geral, bem como os fatores que podem influenciar nesse processo, onde começo a articulação com a arte. Na sequência, faço considerações sobre o ensino das artes, as possibilidades de ocupação e ação das Artes Visuais, e incorporo a arte reabilitação na discussão de modo a evidenciar as possibilidades e desafios com cada público. Em seguida, apresento brevemente sobre a Teoria da Subjetividade e seus principais conceitos. Por fim, relaciono as temáticas centrais do trabalho para fazer considerações acerca da dimensão subjetiva da reabilitação a partir da arte/educação.

2. Breve contextualização sobre reabilitação

Historicamente, a reabilitação é entendida como a volta/inserção do indivíduo ao trabalho. Essa lógica foi construída a partir da Segunda Guerra Mundial em prol da reconstrução, desempenho e eficiência (Campos da Paz, 2002). No entanto, visões contemporâneas ressaltam que a reabilitação é um processo que acontece ao longo da vida e que não está focada no resultado final do trabalho. Atualmente, a reabilitação prima por uma abordagem ecológica que leva em consideração aspectos socioculturais inseridos no espaço e tempo, além de promover um processo individualizado e interdisciplinar que coloca a pessoa como sujeito ativo (Braga, 2023). Os princípios dessa perspectiva se baseiam em:

> a) intervenção centrada no paciente; b) ênfase no processo (interação, negociação, comunicação, educação e troca de informações); c) atuação fundamentada em um modelo que integra aspectos de autocuidado, produtividade, recreação e socialização, resultantes dos componentes físico, sociocultural, mental/emocional e filosófico/espiritual; d) responsabilização do cliente na resolução de problemas, estabelecimento de planos, incluindo até a orientação do meio social na execução dos cuidados. (Hammell, 1995 *apud* Pereira; Araújo, 2006, p. 38)

Para aprofundar no conceito de reabilitação, Campos da Paz (2002, p. 23-24), pontua: "A reabilitação implica a necessidade de conviver com obstáculos muitas vezes incontornáveis ao longo do tempo." A palavra "conviver" assume o sentido de "adaptação" e resulta em uma série de concepções acerca da reabilitação, como busca pela autonomia, qualidade de vida e bem-estar do indivíduo perante as dificuldades e/ou alterações causadas por uma lesão adquirida ou congênita. Um olhar direcionado para o potencial e não para as dificuldades é necessário nesse processo para ampliar as possibilidades não só para a pessoa, mas para o profissional que o acompanha.

Embora o cuidado individualizado seja comum ao trabalho em reabilitação com o público infantil e adulto, os grupos se diferem em alguns aspectos do desenvolvimento humano. Em crianças e adolescentes, o foco costuma ser na estimulação cognitiva por meio de atividades em que se cria uma "idiocultura" (Braga; Cole; Rossi, 2010) para trabalhar não só a motricidade, mas as funções executivas, conjunto de habilidades relacionadas às emoções e cognição, como autocontrole, planejamento, organização, adaptabilidade, flexibilidade e criatividade (Dias; Seabra, 2013). Entende-se que essa é uma fase crítica do desenvolvimento, logo, oportunizar atividades cognitivas e oferecer modelos de estimulação para os responsáveis se torna de suma importância para a continuidade fora do ambiente hospitalar, afinal a família é fundamental no processo de reabilitação, de acordo com Campos da Paz

(2002, p. 32): “Transferência de conhecimento: transferência de poder! Mudança de atitude que implica repassar o conhecimento para quem dele mais precisa.”

Já na reabilitação com o público adulto, o contexto social, vivências prévias, personalidade e enfrentamento são pontos de atenção do trabalho realizado. A estimulação é trabalhada principalmente na questão motora, porém por se tratar de um processo interdisciplinar, as emoções, habilidades mentais e de linguagem também ganham destaque. Dessa forma, o desafio de adaptação e manejo da própria vida vem acompanhado de fatores externos que influenciam diretamente o processo de cada um (Campos da Paz, 2002). A reabilitação significa uma mudança na forma de ser e estar no mundo, com foco na melhora da qualidade de vida a partir das potencialidades de cada indivíduo.

No entanto, vale destacar que a reabilitação não é um processo isolado, restrito ao indivíduo e sua rede familiar ou de amigos. Ao contrário, requer uma lógica coletiva de inclusão para que pessoas com deficiência possam interagir com a sociedade e ocupar espaços diversos, sem que precisem estar constantemente lutando por direitos que são previstos na Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015). Logo, inclusão não é um “favor" e adaptar não é sinônimo de “facilitar”, mas tornar possível. Barbosa destaca que:

> INCLUSÃO É O ATO DE INCLUIR E ACRESCENTAR, OU SEJA, ADICIONAR COISAS OU PESSOAS EM GRUPOS E NÚCLEOS QUE ANTES NÃO FAZIAM PARTE. SOCIALMENTE, A INCLUSÃO REPRESENTA UM ATO DE IGUALDADE ENTRE OS DIFERENTES INDIVÍDUOS QUE HABITAM DETERMINADA SOCIEDADE. ASSIM, ESTA AÇÃO PERMITE QUE TODOS TENHAM O DIREITO DE INTEGRAR E PARTICIPAR DAS VÁRIAS DIMENSÕES DE SEU AMBIENTE, SEM SOFRER QUALQUER TIPO DE DISCRIMINAÇÃO E PRECONCEITO. (Barbosa; Neto, 2023, p. 30)[1]

Como estagiária que observou e contribuiu pontualmente no processo de reabilitação de terceiros, ter em mente que fatores externos à doença, como relacionamentos, passatempos e crenças podem afetar o desenvolvimento de cada paciente (Campos da Paz, 2002), provoca inquietações acerca da utilização da arte em ambientes hospitalares e seus possíveis benefícios. Afinal, a arte, a partir dessa necessidade, pode servir como ferramenta a ser usada dentro do processo de reabilitação (OMS, 2019) e melhora da qualidade de vida durante a internação e pós alta hospitalar, principalmente se alinhada aos interesses e paixões desses pacientes. Em um ambiente onde as pessoas talvez não esperem esse tipo de encontro, oportunizar um passeio pelos caminhos que a arte é capaz de oferecer, estreia uma nova forma de conceber o mundo e a si mesmo.

[1]Conforme consta na publicação original da autora, o uso das letras garrafais foi mantido para preservar a sua forma de escrita. Ana Amália Barbosa faz uso de mouse adaptado ao queixo para digitação em computador, portanto, as letras em caixa alta facilitam sua leitura e escrita.

Para exemplificar e começar a adentrar na dimensão do que o diálogo arte-educação-reabilitação implica em parâmetros de "vida real", trago para reflexão o contato que pude observar e mediar entre pacientes tetraplégicos e as Artes Visuais. Vale esclarecer que a tetraplegia pode ser completa ou incompleta dependendo do nível da lesão, e isso irá definir o potencial motor de cada indivíduo (Simas, 2012). Em alguns casos, o comprometimento motor é maior, podendo se limitar apenas ao movimento de pescoço, cabeça e/ou boca. Em virtude disso, a autonomia da pessoa é reduzida quando acontece a lesão, tornando-se dependente para muitas atividades de vida diária. As consequências desse tipo de lesão nas esferas de vida pessoal e intrapessoal são inúmeras, igualmente às formas de enfrentamento que cada um irá dispor.

As Artes Visuais, em contextos que envolvem a reabilitação de pessoas com tetraplegia, por exemplo, se colocam como possível ferramenta de expressão e estabelece uma nova forma de comunicação e de vida, seja pela pintura/desenho com boca ou por meio de aparatos digitais. A partir das leituras realizadas, é evidente que os contextos em que a arte é utilizada, inclusive no universo digital, permite que a pessoa se sinta capaz de explorar e sentir o próprio movimento novamente, não só físico, mas mental, para assim ampliar suas "formas de ser" (Simas, 2012).

Para pensar as possibilidades de ampliação do ser, é importante reconhecer o pioneirismo da artista e educadora brasileira Ana Amália Barbosa, que após sofrer um AVC e tornar-se tetraplégica, muda e disfágica, em um processo de redescobrir as possibilidades do corpo e da mente, fomentou discussões, práticas e literaturas pertinentes no campo da arte/educação para assegurar que pessoas com deficiência sejam efetivamente integradas e participem ativamente na sociedade, afastando-as de concepções estereotipadas e limitadores a elas impostas (Barbosa; Neto, 2023).

3. Arte/educação e Reabilitação

A arte constitui um universo sensível que permite a compreensão e experimentação do mundo pelo viés estético e poético. Pode manifestar-se por inúmeros motivos e em diferentes formatos, bem como possuir diversas interpretações. As técnicas e campos da arte possibilitam a concretização do pensamento em gestos, sons, cores, formatos, palavras, mas independente de sua forma ou campo, as artes têm em comum seu potencial de expressão.

> A função da arte está relacionada à expressão, ao modo de ver o mundo, à possibilidade de dar forma e colorido à imaginação, desenvolver o saber estético e artístico dos alunos. [...] A arte surge no mundo como forma de transformar a experiência vivida em objetos de conhecimento que demonstram percepção e imaginação. (Caldas; Holzer; Popi, 2012, p. 161)

Dentro da arte/educação, as noções acima devem ser respeitadas para a construção de um ambiente propício para a reflexão e criação. Essa criação preza pela estimulação da imaginação e da criatividade como formas de assimilação do mundo e construção da individualidade. Dentro dessa perspectiva, o professor de artes, quando não está inserido em uma dinâmica conteudista de aula, assume também o papel de mediador de vivências.

Ademais, a educação em artes propõe a sensibilização do olhar para as coisas, pessoas e situações. Talvez isso seja, a meu ver, ação crucial para o entendimento das artes como forma de atravessar e acessar informações que não são palpáveis, que existem no abstrato e invisível. Essa habilidade se desenvolve a partir da prática, e a mediação do professor de artes se vê necessária nesse processo ao propor diálogos, técnicas e materiais como forma de expandir as possibilidades de comunicação que o aluno dispõe para criar um "espaço potencial" que visa a constituição individual e a emancipação.

> Assim, a capacidade desenvolvida de confiar no ambiente inaugura uma nova capacidade: a de poder distinguir-se do ambiente. Neste momento é criado um espaço entre realidade externa e interna, não sendo domínio exclusivo de nenhuma das duas, ao contrário, articula essas duas dimensões existenciais. Trata-se de um espaço potencial, no qual cessa a cansativa tarefa de distinção constante entre realidade interna e externa e, desse modo, o indivíduo pode criar, brincar. (Bastos; Cintra, 2008, p. 29)

No entanto, por vezes a arte passa por situações de distanciamento de sua essência e é reduzida a momentos de brincadeira, lazer e festas. Perceber que a arte pode participar dessas atividades, quando contextualizada, precisa vir acompanhada da consciência de que também é capaz ir além. A arte/educação pode atuar de forma significativa no desenvolvimento infantil, na construção interdisciplinar de saberes - sem que haja a sua instrumentalização (Mendonça; Silva, 2020), e na valorização de processos de autonomia e adaptação, por exemplo.

> Reconhecendo não só a necessidade da arte, mas a sua capacidade transformadora, os educadores estarão contribuindo para que o acesso a ela seja um direito do homem. Aceitar que o fazer artístico e a fruição estética contribuem para o

> desenvolvimento de crianças e de jovens é ter a certeza da capacidade que eles tem de ampliar o seu potencial cognitivo e assim conceber e olhar o mundo de modos diferentes. Esta postura deve estar internalizada nos educadores, a fim de que a prática pedagógica tenha coerência, possibilitando ao educando conhecer o seu repertório cultural e entrar em contato com outras referências, sem que haja a imposição de uma forma de conhecimento sobre outra, sem dicotomia entre reflexão e prática. (Leão, 2000, s/p)

Respeitar a educação em artes é reconhecer o próprio direito à cultura e apreciar as criações individuais e coletivas dos indivíduos. Além disso, é honrar pela educação estética que se opõe à objetivação do pensamento, considerar as linguagens e formas de comunicação que o ser humano dispõe e, principalmente, reconhecer a diversidade. Pois, como Barreto Yepamahsã (2022, p. 15) pontua, "[...] a Arte como expressão de conhecimentos tem a capacidade de transgredir um pouco essa lógica da objetivação das coisas, transgredir a razão."

A educação estética em artes aqui referenciada sob uma perspectiva histórico-cultural (Pederiva; Oliveira; Miranda; Pederiva, 2022), é pautada na compreensão da dimensão sensível e alargamento da experiência subjetiva, onde as vivências são priorizadas para proporcionar "um ambiente de educação estética que potencialize o desenvolvimento, desperte a percepção, a expressão do corpo inserido na cultura e amplie as experiências" (Pederiva *et.al*, 2022, p. 4). Vale ressaltar que a educação estética contempla desde as vivências ordinárias do cotidiano, até as vivências artísticas individuais ou coletivas como atos educativos (Moreira; Silva, 2020).

Dessa forma, as Artes Visuais mostram-se necessárias e presentes em diversas etapas do desenvolvimento da pessoa como ferramenta de expressão, como por exemplo no desenho infantil. A compreensão do mundo exterior e interior dentro das atividades em Artes Visuais evidenciam-se desde a infância, onde a criança muitas vezes irá recorrer ao desenho como forma não só de lazer, mas de exploração dos próprios movimentos, pensamentos, percepções acerca do cotidiano e suas relações e a própria exteriorização de seus sentimentos (Cavaton, 2016). Assim como o desenho, as demais técnicas e linguagens da arte também podem oportunizar essa conexão em qualquer etapa da vida, não só na infância.

Ao reconhecer o desenho como forma válida de expressão e comunicação, torna-se relevante a reflexão levantada por Ana Amália Barbosa sobre uma frase comumente usada, que além de ser capacitista, desvaloriza essa linguagem: "ENTENDEU OU QUER QUE EU DESENHE? ESQUEÇA? NÃO FAREI ISSO PORQUE ESSA PERGUNTA É CAPACITISTA. TRATA O DESENHO COMO ALGO MENOR, ALÉM DE MENOSPREZAR VOCÊ, LEITOR/A E SUAS POTENCIALIDADES MULTILETRISTAS"

(Barbosa; Neto, 2023, p. 30). Com isso, as linguagens artísticas se consolidam como meios válidos e potentes de comunicação.

O fazer artístico, na vida adulta, muitas vezes é entendido como a criação de um produto final esteticamente agradável e prático. No entanto, é possível ir além do que é útil e belo. A arte possibilita ao indivíduo um momento de estimulação não só física e corpórea, mas de "catarse" (Vigotski, 2001). Moreira e Silva (2020, p. 50) descrevem: "Na catarse, segundo a perspectiva histórico-cultural, a superação de dados aspectos do psiquismo humano está ligada a uma transmutação de sentimentos – uma alteração profunda, dramática e contraditória dos nossos sentidos, anseios e condutas." O conceito de catarse elaborado por Vigotski em Psicologia da Arte, explora a relação entre a produção artística e o sentimento de forma pertinente para o presente trabalho:

> Compreendemos perfeitamente que, se consideramos a arte como catarse, é porque a arte não pode surgir onde existe simplesmente o sentimento vivo e intenso. Por si só, nem o mais sincero sentimento é capaz de criar arte. Para tanto não lhe falta apenas técnica e maestria, porque nem o sentimento expresso em técnica jamais consegue produzir uma obra lírica ou uma sinfonia; para ambas as coisas se faz necessário ainda o ato criador de superação desse sentimento, da sua solução, da vitória sobre ele, e só então esse ato aparece, só então a arte se realiza. Eis por que a percepção da arte também exige criação, porque para essa percepção não basta simplesmente vivencíar com sinceridade o sentimento que dominou o autor, não basta entender da estrutura da própria obra: é necessário ainda superar criativamente o seu próprio sentimento, encontrar a sua catarse, e só então o efeito da arte se manifestará em sua plenitude. (Vigotski, 2001, p. 313-314)

A produção artística, mesmo realizada em grupo, é subjetiva e cabe ao arte educador intervir de forma respeitosa, levando em consideração o aluno e suas ideias, e compreender que muitas vezes o contato não será continuado, no sentido de ser mais uma vez interrompido (o fazer artístico) seja por qual for o motivo. Mais uma vez, porque durante a infância a arte compõe o cotidiano de muitas crianças, como pontuado anteriormente, e essa atividade começa a ser desestimulada e descontinuada em muitas crianças e adolescentes depois de uma certa idade (Cavaton, 2016). No entanto, de forma alguma a sua experimentação deve ser desencorajada pela falta de contato prévio ou possibilidade de continuidade.

Com isso em vista, o processo talvez seja mais importante do que o produto final em si. Durante a atividade, a pessoa irá entrar em contato com as características dos materiais que estão sendo manuseados, seu aspecto, seu próprio corpo, movimentos, ideias e sensações, permitindo dessa forma, e com aporte desses objetos, ressignificar sentimentos, situações e pensamentos pela "fruição estética" (Leão, 2000). Presenciar esse momento como professora de artes em formação pode ser revolucionário, pois abre-se um leque de possibilidades de atuação dentro e fora dos ambientes formais de ensino e aprendizagem.

A partir do trabalho realizado em Artes Visuais, é possível entrar em contato com o indivíduo de uma forma única e sensível, e ao ocupar espaços de saúde, o olhar do profissional de artes sobre o próprio trabalho se transforma (Simas, 2012). Trabalhar com pacientes da neurorreabilitação em lesão medular, foi de suma importância para o meu entendimento das Artes Visuais como ferramenta de expressão da pessoa, principalmente ao se tratar de indivíduos que passam por mudanças significativas na vida ao sofrerem uma lesão.

Muitas vezes, o professor de artes é restrito ao ambiente escolar, porém pode ocupar variados espaços na sociedade que vão além da escola, como ambientes da saúde. Ambientes hospitalares são propícios a atuação do licenciado em artes, principalmente em contextos de reabilitação com o público infantil. Geralmente, as crianças ou adolescentes que passam por algum procedimento cirúrgico, se ausentam da escola e permanecem no hospital até sua recuperação. Mesmo internadas, elas continuam tendo direito à educação, e a arte pode ser uma aliada de seu desenvolvimento e aprendizagem inclusive fora da escola.

Dessa forma, a arte/educação dentro do contexto de reabilitação se coloca como momento de expressão, estimulação, ressignificação e socialização em todas as faixas etárias, e inaugura uma nova forma de cuidado que vai além das necessidades físicas.

> Afastando o etnocentrismo que nos conduz a visões estereotipadas do outro, incorporamos, pela arte, a nossa pluralidade, com suas diversas formas de construir e reconstruir o mundo. Ao passo que o indivíduo ao perceber a própria existência como lançado para dentro do mundo sem ser integrado num destino ou outro plano não-contingente; e na impossibilidade de explicar a própria finitude através de referências ao infinito ou categorias absolutas; vemos o desabrochar da condição humana ao mesmo tempo em caráter pessoal e intrínseco, que é a experiência subjetiva do princípio da incerteza, quanto nítida a inscrição em caráter coletivo e social da sociedade moderna, que é o não saber lidar com as questões mais básicas do ser humano. (Bastos; Cintra, 2008, p. 29)

Para adentrar na temática da arte reabilitação, é importante esclarecer que o hospital de reabilitação onde pude exercer o papel de estagiária de Artes Visuais, realiza atendimentos e grupos de Artes Visuais com todas as faixas etárias dentro dos programas de reabilitação infantil, neurológica, neurorreabilitação em lesão medular e ortopedia. Dentro de tantas esferas de conhecimento e trabalho, irei aprofundar nas áreas em que tive mais contato e autonomia, são elas: oficinas individuais de Artes Visuais e grupos interdisciplinares com o público da reabilitação infantil e com pacientes da neurorreabilitação em lesão medular.

Com o intuito de exemplificar algumas das ideias previamente abordadas e propor reflexões sobre as possibilidades e desafios de atuação, começo pelo trabalho em artes realizado na reabilitação infantil com crianças e adolescentes. A diversidade desse público

abrange não só diferenças de idade, personalidade e gostos, mas demandas de desenvolvimento e reabilitação, pois a ala pediátrica recebe pacientes ortopédicos e neurológicos, por isso a importância também de uma equipe formada por professores hospitalares.

Na Pediatria, participei com muita autonomia, junto à estagiária de pedagogia do setor, na elaboração e execução das atividades do grupo de Arte e Literatura, realizado em dias diferentes para crianças e adolescentes, respectivamente. Essa atividade integra as artes visuais, pedagogia, psicologia e fonoaudiologia e consiste em: 1) apreciação de uma obra literária, contada/lida com o público durante o grupo; 2) momento de reflexão e partilha sobre a temática; 3) etapa de criação artística; 4) partilha das produções; e 5) conversa com o grupo e acompanhantes sobre estimulação de habilidades cognitivas e da imaginação.

Dentro desse contexto, o grupo acontece como forma de estimulação de funções executivas, da imaginação, da linguagem e do pensamento próprio, além de promover momentos de socialização e consequentemente de possível alívio do estresse que a internação pode causar. Entende-se que a internação interrompe o cotidiano daquele indivíduo, tirando-o de sua rotina familiar, educacional e de lazer.

A intencionalidade pedagógica, nessa proposição, foi crucial no planejamento e execução das atividades artísticas, tornando-as mais significativas e potentes para o grupo como um todo, que foi orientado principalmente pela interdisciplinaridade entre Artes Visuais e Pedagogia neste período. O diálogo estabelecido entre as duas áreas de conhecimento, combinado ao entusiasmo que ambas as partes tinham em participar de um trabalho até então não explorado - por mim e minha parceira de estágio, permitiu que uma série de atividades fossem idealizadas e realizadas toda semana, duas vezes por semana, por mais de um ano e meio de trabalho sob a supervisão da equipe regente. Além disso, a intencionalidade e o diálogo entre as áreas viabilizaram uma abertura para o protagonismo das artes como forma de potencializar processos individuais e imaginativos dentro do grupo, além de embasar nossa atuação. Em síntese:

> “O interesse principal das atividades está em explicitar o quanto as artes na educação são capazes de nos auxiliar em processos adaptativos que nos permitem supor modos diversos do nosso estar e agir no mundo, experimentar alguns deles e ajustar nossas condutas. Isso não significa que a finalidade da arte na educação é outra que não ela mesma.” (Melo; Sampaio, 2020, p.118).

Como já comentado anteriormente, o grupo em questão tem como objetivo principal a estimulação de funções executivas. Essas funções se referem a três habilidades consideradas importantes para aprendizagem, convívio social e saúde mental, sendo elas: o controle

inibitório, capacidade de autocontrole, inibição de impulsos e distratores; memória de trabalho, habilidade referente a manutenção e manipulação das informações mentalmente, sendo relacionada a memória sequencial, ao planejamento e organização; e a flexibilidade cognitiva, capacidade de adaptação a diferentes situações, problemas, demandas e materiais que envolvem a criatividade (Dias; Seabra, 2013).

Então, as Artes Visuais dentro desse contexto de reabilitação infantil, visam contemplar tais objetivos de estimulação de forma menos mecanizada e mais espontânea para ampliar o potencial de cada criança/adolescente. Isso acontece a partir dos materiais e propostas de atividades novas, que são novas não no sentido de inovadoras, mas diferentes do que se geralmente faz, para oportunizar vivências singulares junto a arte ao "planejar atividades que proporcionem aos alunos andarem por caminhos da criatividade", (Melo; Sampaio, 2020, p. 117). Penso que o estímulo das Funções Executivas serve para melhorar a qualidade de vida do indivíduo, mas reconheço que sob uma ótica focada na padronização de mentes, pode ser potencialmente problemático e capacitista. Por isso, é importante enfatizar que:

> A maioria das intervenções delineadas para crianças com pobres habilidades executivas objetiva remediar as consequências do déficit, e não tentar preveni-los. Promover o desenvolvimento dessas habilidades precocemente, no entanto, pode acarretar benefícios de curto a longo prazo nos âmbitos escolar e social. Um maior desenvolvimento dessas habilidades pode promover melhor adaptação e rendimento escolar, além de prevenir uma série de problemas sociais e de saúde mental (...). (Dias; Seabra, 2013, p. 209)

O trabalho com crianças e adolescentes contribuiu significativamente para o entendimento de processos de desenvolvimento humano, reabilitação, motivação e didática, sendo essencial para o que entendo hoje como arte reabilitação. Esse contato criou base para uma melhor atuação, da minha parte, junto aos pacientes adultos e idosos dos demais programas. Consequentemente, comecei a ter mais liberdade criativa e confiança para administrar outros grupos com propostas que visavam integrar artes e pedagogia fora da pediatria, como o grupo de Reeducação da Escrita, com pacientes adultos da neurorreabilitação em lesão medular.

O grupo de Reeducação da Escrita é ofertado para pacientes da lesão medular, sendo que as lesões podem ser congênitas ou adquiridas e de origem traumática ou não traumática. Portanto, o grupo acontece em diversos momentos da semana e ao longo da internação de cada paciente, possibilitando diariamente o treino motor necessário para a escrita manual, uma vez que é de suma importância que essa pessoa consiga ter a maior autonomia possível, isso inclui assinar seus próprios documentos, por exemplo. Para a realização da escrita

manual, alguns pacientes utilizam de adaptações que variam de acordo com as necessidades de cada um, como engrossadores de lápis/caneta, órtese punho-mão, adaptação gota (encaixada entre os dedos polegar e anelar, para facilitar ou possibilitar o movimento de pinça para manusear caneta ou lápis) e tábua-mesa acoplada à cadeira de rodas.

O treino da escrita acontece por atividades planejadas pela equipe de pedagogia e envolvem dinâmicas e propostas com o uso da escrita. A depender do nível de escolaridade e etapa de reabilitação, as atividades podem variar seu grau de complexidade. A junção do grupo com as Artes Visuais acontece uma vez por semana e as propostas costumam partir de uma referência artística para a produção escrita ou imagética do raciocínio que cada um terá perante a temática estabelecida.

Alguns exemplos de atividades são a criação de histórias a partir de obras artísticas, criação de cartão postal, reflexão acerca das próprias histórias de vida e memórias inspirado em artistas específicos para a produção escrita de poema, relato ou texto, e criação de significados novos para palavras, formatos e linhas. Atividades como essas exigem mais da capacidade imaginativa e de compreensão, bem como um nível de interpretação maior por se tratarem de propostas menos concretas. No entanto, não se apegam a parâmetros de "certo" ou "errado" e oferecem maior liberdade para a escrita, podendo relacionar-se com aspectos individuais em meio ao coletivo.

Dentro de uma atividade que objetiva dar mais autonomia para o indivíduo, tornando-o ativo para tomar suas próprias decisões e assinar por elas, a retomada pela escrita manual acontece junto às Artes Visuais como forma de propor novas perspectivas e possibilidades, para promover um cuidado preocupado com a qualidade do pensamento que ocupa a mente daquele paciente e favorecer a exploração de suas próprias qualidades e memórias por meio da escrita e/ou treinos motores pelo desenho.

Já nas oficinas individuais de Artes Visuais, as atividades não são obrigatórias, ou seja, o paciente é indicado para o grupo, em reunião multidisciplinar entre médicos, enfermeiros, fonoaudiólogos, psicólogos e professores, e depois irá decidir se continuará nas oficinas ou não. O primeiro contato com o paciente acontece por meio de "admissão", onde a equipe de artes irá conversar e conhecer mais sobre o paciente, lesão, movimentação, gostos e atividades do cotidiano, pela perspectiva da pessoa, não por relatórios médicos disponíveis em prontuário eletrônico. O paciente também é esclarecido sobre as atividades oferecidas dentro da oficina, como pintura, desenho, estamparia em tecido, mosaico, bordado, entre outros. Após a admissão, o paciente tem liberdade para escolher iniciar um projeto e ter mais aulas de arte em sua grade de atividades ou encerrar o contato.

Dessa forma, as oficinas tendem a partir do interesse do paciente para a criação de projetos individuais envolvendo alguma linguagem artística, uma vez que se compreende a importância de "partir das necessidades relativas às artes das pessoas envolvidas nesse processo" (Pederiva *et.al*, 2022, p. 14) para uma aproximação significativa com a arte e suas possibilidades. Tais projetos são escolhidos pelo próprio paciente e desenvolvidos ao longo da internação, que geralmente varia de duas a três semanas. Devido ao período curto, a vivência é mais valorizada do que o ensino da técnica, isso permite que a pessoa possa experimentar os materiais e suas possibilidades de maneira mais espontânea e autêntica, além de explorar a própria individualidade, formas de expressão e também, em alguns casos, de lazer. Ao final, podem levar suas criações para casa.

Considerando a inserção de tal atividade como forma de enriquecer o cotidiano daquele indivíduo, uma de minhas contribuições materiais para o estágio em questão, foi a elaboração e disponibilização de fichas, para os pacientes, contendo informações sobre as oficinas de Artes Visuais que a instituição oferece, para facilitar a sua continuação em domicílio. Essa proposta foi elaborada junto à equipe como forma de fazer o conhecimento adquirido circular para fora do hospital e dentro do dia a dia das pessoas, para favorecer os desdobramentos que a vivência artística pode oferecer mesmo após alta hospitalar. Embora não haja um acompanhamento com aquele paciente em relação às atividades de artes, oportunizar seu seguimento em casa, é reforçar a postura de sujeito ativo daquele paciente, tornando-o responsável por decidir, mais uma vez, a qualidade e sentido da ocupação de seu tempo.

> O processo de reabilitação é um processo lento, composto por várias etapas, em cada uma delas o paciente vai descobrindo novos potenciais, novas possibilidades, dificuldades, conquistas e derrotas. Ele precisa ser acompanhado pela equipe de reabilitação durante todo este processo, que começa no hospital, continua em casa, retorna para o hospital e assim sucessivamente, até que ele talvez não precise mais retornar e continue sua reabilitação na vida.
> Na arte é necessário acompanhar o processo criativo de cada um, como ele começou e como está agora, de que forma esta atividade se tornou significativa na vida dessa pessoa fora do hospital, como a arte participou para esta "reabilitação do ser". Por isso é importante buscar atividades que sejam significativas para o paciente, que pode ser a fotografia, a pintura, o desenho ou a arte digital, o que importa é que faça sentido para ele. (Brandão, 2019, p. 45)

Como citado anteriormente, o trabalho com adultos e idosos com Lesão Medular requer maior atenção ao nível de lesão e movimentação, pois em alguns casos, adaptações ou adequações de materiais podem ser necessárias. Dentro das oficinas de Artes Visuais é de suma importância ter flexibilidade com as atividades propostas para que seja acessível para todos. A variedade de materiais e adaptações disponíveis é crucial para que o trabalho

aconteça, por isso, manter o diálogo e atenção à pessoa são habilidades importantes ao decorrer da atividade.

Às vezes, a depender da lesão, alterações na força podem acontecer, e uma pequena adequação de materiais pode mudar toda a perspectiva de potencial daquele indivíduo. Por exemplo, um paciente com alteração de força se beneficiará mais de giz pastel oleoso para desenhar, do que o giz de cera, pois este é um material mais macio, com cores mais fortes que riscam com mais facilidade a superfície, ao invés de giz de cera, que demanda mais força para obter seu traçado. A economia de força para desenhar possibilitará que aquele paciente possa fluir dentro da atividade, aproveitando melhor seu tempo e energia para pensar em outras questões que circundam a criação artística, como composição, criatividade e construção de senso estético individual, desviando também o foco de sua dor e cansaço físico. Brandão relata algo parecido em seu trabalho com pacientes da Lesão Medular e pontua:

> Estes materiais ampliavam as possibilidades de criação, assim como facilitavam, para alguns, a execução do trabalho. No caso de pacientes de lesão medular, com pouca força nas mãos, um lápis mais macio proporcionava um traçado melhor, pois exigia menos força para desenhar. Os materiais também tinham uma função relacionada ao desejo e à sensação, a partir da experimentação dos diferentes materiais, os pacientes poderiam escolher aqueles que mais se identificaram, poderiam perceber as nuances de cor, a partir das diferentes cores presentes nos potes de tinta acrílica; a diferença entre modelar com argila ou papel machê - um mundo de possibilidades plásticas era apresentado a eles. (Brandão, 2019, p. 44)

Em alguns casos as adequações serão de materiais ou de adaptações para manuseio destes, mas em outros será necessária uma mudança de pensamento sobre como realizar determinada atividade, principalmente em casos de lesões medulares altas, que comprometem o movimento de membros inferiores e superiores e se limitam ao movimento de cabeça e/ou boca. Na perspectiva das artes visuais, o desafio de trabalho com esses pacientes está em como realizar o fazer artístico e experienciar materiais e linguagens que valorizem o potencial físico, expressivo e criativo do indivíduo, um exemplo é a pintura com a boca que comento no início do trabalho.

Na pintura com a boca, a mudança de pensamento é evidenciada, pois exige uma nova forma de se movimentar e de fazer a pintura. Acostumar o cérebro a novos comandos exige flexibilidade não só do paciente, mas do profissional que o acompanha e descobre junto a ele as formas mais adequadas de auxiliar e mediar a vivência proposta.

> Faz parte também do processo educacional a descoberta de outras formas de fazer, por exemplo, quem não consegue segurar um pincel com a mão, pode pintar com a boca. Para fazer isso, o paciente não pode estar constrangido, pensando num resultado, num produto pronto e acabado. Estar sozinho, sem os olhares e expectativas da família, o deixa livre para experimentar outras possibilidades do seu corpo, para além dos conceitos de normalidade. Uma coisa que se aprende quando se trabalha em um hospital é justamente perceber que a normalidade não existe, o que

> existe é a diferença, e isso nos ajuda a ver o processo educacional como uma eterna descoberta. (Brandão, 2019, p.46)

Novamente, o olhar para o potencial é requerido, assim como relacionar-se ao potencial do espaço e tempo atual. As possibilidades de interfaces e adaptações estão crescendo junto aos avanços da tecnologia, isso implica em uma melhora considerável na qualidade de vida de pessoas com tetraplegia e suas formas de enfrentamento. Não cabe aqui explanar sobre a gama de tecnologias assistivas que existem hoje para auxiliar pessoas com deficiência, mas ressalto que o acesso a essa informação facilita a mudança de pensamento sobre "como fazer" e amplia as possibilidades de trabalho da arte junto a esse paciente, pois inaugura um universo repleto de oportunidades de "ampliação do ser" pela arte digital (Simas, 2012).

As experiências e relatos expostos como exemplos neste tópico servem como base para contextualizar a dimensão formativa que presenciei, evidenciar o caráter interdisciplinar das ações e as articular com fundamentos teóricos da arte/educação dentro do contexto reabilitador para adentrar na dimensão subjetiva que o trabalho propõe entre arte e reabilitação.

Logo, as formas de tratamento, enfrentamento e possibilidades de vida pós lesão se alteram de acordo com o contexto histórico, bem como as estratégias e ferramentas de reabilitação. A inserção de atividades artísticas dentro do processo de reabilitação é relativamente nova em programas de reabilitação infantil e neurorreabilitação em lesão medular. Entretanto, percebe-se que pode contribuir com a valorização da individualidade, auto percepção, descoberta de potencial e favorecer a emergência de novos sentidos subjetivos naqueles que fazem parte dela. Para aprofundar nesse argumento, no próximo tópico, abordarei a Teoria da Subjetividade, elaborada por González Rey, relacionando-a ao tema em questão.

4. Teoria da Subjetividade

A Teoria da Subjetividade em uma perspectiva histórico-cultural teve sua gênese na psicologia, mas tem desdobramentos para um conjunto de áreas, como a educação, a saúde, bem como as práticas comunitárias e jurídicas (González Rey; Goulart, 2019). A interdisciplinaridade nessa proposta tem potencial de suscitar reflexões e propor novas perspectivas para a ação profissional e entendimento da singularidade do desenvolvimento humano. Pode ser interpretada como uma teoria "viva", localizada em um determinado período histórico, mas que se modifica e permite sua reinterpretação e transformação como forma de abrir possibilidades para que novos questionamentos e pensamentos surjam. González Rey e Mitjáns Martínez (2017, n.p) afirmam:

> A subjetividade humana é uma produção qualitativamente diferenciada dos seres humanos dentro das condições sociais, culturais e historicamente situadas em que vivemos, o que implica a rejeição de qualquer conceito ou princípio universal como base da teoria. Conforme esse posicionamento, a subjetividade não representa um suprassistema acima das ações humanas e dos contextos que elas acontecem. Ela não representa um sistema fechado, cujas regularidades gerais ordenam o funcionamento dos processos que ocorrem nela. A subjetividade é um sistema configuracional, que se organiza por configurações subjetivas diversas em diferentes momentos e contextos da experiência humana. (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017, n.p)

A partir da Teoria da Subjetividade, destacam-se conceitos fundamentais para o entendimento do funcionamento humano nos marcos da cultura, seja em sua dimensão individual ou social. Esses conceitos, como subjetividade individual, subjetividade social, sentido subjetivo, configuração subjetiva, agente e sujeito, interagem mutuamente na produção e construção simbólica e emocional no desenvolvimento subjetivo (González Rey; Martínez, 2017).

Sob a perspectiva de González Rey e Mitjáns Martínez (2017), a subjetividade é descrita como uma produção humana que considera a dimensão individual em interação contínua com o meio social, que está localizado em uma determinada cultura e tempo histórico. A subjetividade individual refere-se às experiências, vivências, emoções e pensamentos que se organizam e se configuram para moldar uma realidade singular a partir dos aspectos e interpretações do indivíduo em seu desenvolvimento.

Por outro lado, ainda segundo os autores, a subjetividade social permite a ampliação dessa concepção ao reconhecer que a produção da subjetividade individual não ocorre de forma isolada. O social se constitui no indivíduo pelas ideologias, instituições, valores e normas, o que também contribui em sua formação subjetiva. Assim como a subjetividade individual perpassa e se modifica pelas influências sociais, culturais e históricas, a subjetividade social também se reorganiza a partir das subjetividades dos indivíduos.

Isto posto, subjetividade individual e subjetividade social são conceitos que se complementam e caminham juntos, uma vez que as produções simbólico-emocionais são singulares se configuram individual e socialmente (González Rey; Bizerril Neto, 2015). As produções e sentidos subjetivos se articulam e se configuram no processo de constituição do ser humano perante as interações e dinâmicas sociais, sendo indissociável a relação entre o individual e o social (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017), logo, são conceitos interdependentes.

Dessa maneira, os sentidos subjetivos emergem ao decorrer das experiências e ao longo da trajetória de vida do indivíduo, que está inserido em uma trama relacional e dialógica multifacetada. Entende-se como sentido subjetivo as unidades simbólicos-emocionais, produzidas a partir de inúmeras relações e interações dos indivíduos e grupos sociais. Os sentidos subjetivos não seguem uma linearidade temporal e não se encaixam na categorização dicotômica como "positivos" ou "negativos", assim como não é possível determiná-los ou provocá-los, haja vista sua natureza abstrata e sem causas externas específicas (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017).

> Pelo caráter social e cultural da subjetividade, os conceitos do sistema teórico proposto para seu estudo devem ser capazes de acompanhar o caráter dinâmico das experiências humanas, compreendendo-as em seu aspecto subjetivo. Os sentidos subjetivos são unidades simbólico-emocionais, nas quais o simbólico se torna emocional desde sua própria gênese, assim como as emoções vêm a ser simbólicas, em um processo que define uma nova qualidade dessa integração, que é precisamente a definição ontológica da subjetividade. Em nossa concepção, os sentidos subjetivos são a unidade mais elementar, dinâmica e versátil da subjetividade. Porém, sua emergência não é uma soma, mas um novo tipo de processo humano. (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017, n.p)

Por conseguinte, as configurações subjetivas podem ser entendidas como "sistemas em movimento", que ao se nutrir dos sentidos subjetivos, proporcionam a organização e reorganização de sentidos subjetivos, tanto individuais, quanto sociais. Essas configurações não se restringem a áreas específicas da vida, em vez disso, interagem e se relacionam entre si em diferentes aspectos das experiências vividas (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017).

Os conceitos de sujeito e agente referem-se ao indivíduo, ou grupo social, que se configura subjetivamente com base em seus posicionamentos, decisões e produções emocionais e intelectuais ao longo de sua trajetória de vida ou experiência em situações específicas. A condição de sujeito está relacionada às produções criativas que são elaboradas no decorrer de experiências, assumindo um papel contrário à normatização. Já o conceito de agente está relacionado à capacidade de ser ativo nas escolhas e percepções durante a experiência (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017).

A Teoria da Subjetividade se expressa por esse conjunto de conceitos inter-relacionados orientados a uma nova representação do funcionamento humano nos marcos da cultura, de maneira a representar um alicerce teórico para enriquecer o entendimento do outro e da própria atuação profissional, neste caso dentro das oficinas e grupos de artes que compõem a reabilitação de terceiros. Nesse cenário, a teoria não é utilizada como forma de prever ou produzir diretamente sentidos subjetivos e nem (re)configurá-los, mas como ferramenta para gerar inteligibilidade sobre as dinâmicas subjetivas do outro (individual ou social), de maneira a facilitar a aproximação com o outro.

Ao reconhecer a natureza singular e inesperada de cada produção subjetiva, a Teoria da Subjetividade, articulada a ação didática no contexto arte reabilitador, proporciona meios possíveis para fomentar a expressão e promover mudanças e recursos subjetivos nos indivíduos e grupos sociais de um determinado contexto. Assim, ao invés de impor padrões ou limitações, se revela como um aporte teórico que toma forma na ação para o enriquecimento da compreensão e a promoção do bem-estar dos alunos/pacientes. Concomitantemente, estrutura-se significativamente dentro da ação formativa ao produzir expressões subjetivas que podem favorecer ações e práticas.

5. A dimensão subjetiva da reabilitação a partir do trabalho da arte/educação

A partir da teoria histórico-cultural, entende-se que afeto e cognição não se separam, logo, razão e sensibilidade não são distantes como geralmente é colocado, mas trabalham juntas para a produção de conhecimento a partir da experiência individual e social. Pederiva *et al.* (2022, p.6) destacam que "o ser humano se desenvolve de modo indivisível, constitui-se em uma unidade de funcionamento: afeto-intelecto, corpo-mente, pessoa-meio. Nessa perspectiva, toda atividade humana é, essencialmente, afeto-intelectiva."

Assim como nas Artes Visuais, as produções individuais muitas vezes são movidas pela paixão e nem por isso deixam de ser formas legítimas de conhecimento e expressão individual, que constituem e modificam o social. A subjetividade é parte da maneira como se vive determinados processos e possui potencial transformador sobre a qualidade das experiências. A arte, nessa proposta, se coloca como um ambiente propício para pensar as "formas de fazer" e construir criativamente outras possibilidades de ação para experimentar expressões criativas que se relacionam com desenvolvimento pessoal do indivíduo.

> Os sentidos atribuídos às vivências artísticas, por mais que seus signos possuam sentidos sociais, partem de experiências sociais, mas não funcionam como uma espécie de contágio de emoções, como afirma Vigotski (2001). As cores, os sons, os materiais artísticos enformados na qualidade de arte, por meio de suas formas, materiais e conteúdos, os significados e sentidos atribuídos a eles, dependem da diversidade das experiências de vida de cada pessoa em relação aos signos artísticos, para que assumam seu sentido próprio, singular, como arte (...) (Vigotski, 2001 *apud* Pederiva *et.al*, 2022, p.11)

Perante o adoecimento, onde o indivíduo passa por um processo de reabilitação, como é o caso na neurorreabilitação em lesão medular com pacientes com lesões adquiridas, sentido subjetivo e configuração subjetiva articulam-se de formas singulares e imprevisíveis, pois cada indivíduo irá assimilar aquele momento por interpretações diferentes. No entanto, as oficinas de arte ofertadas aos pacientes que compõem os programas de neurorreabilitação em lesão medular e reabilitação infantil podem favorecer a emergência de novos sentidos subjetivos relacionados a bem-estar, autoestima, percepção de habilidades e potencial, e se configurar subjetivamente ao decorrer da reabilitação, ajudando em seu processo de enfrentamento e adaptação com foco no desenvolvimento subjetivo.

Dentro das oficinas e grupos com a equipe de artes, as vivências externas de cada integrante, tanto dos alunos, quanto das professoras, reverberam dentro do espaço, onde cria-se uma rede de sentimentos e experiências coletivas que dão forma a subjetividade social daquele contexto, dado que "a subjetividade social é uma fonte constante de produção de sentidos subjetivos nas tramas de seus múltiplos personagens" (González Rey; Martínez,

2017, n.p). Essa construção muitas vezes acontece pela partilha de produções artísticas e diálogo entre os pacientes e professoras, pois as atividades acontecem em uma dinâmica de ateliê, onde os pacientes se reúnem em determinados horários do dia para produzir seus projetos, uma vez que se reconhece a importância de momentos de socialização como forma de reabilitação e consequentemente abertura para trocas e encontros.

As Artes Visuais, integradas ao programa de reabilitação, podem favorecer o diálogo e permitir que o professor de artes tenha flexibilidade em sua abordagem. Nesse contexto, o planejamento das atividades pode ser realizado em colaboração com o indivíduo para esclarecer as ações, intervenções e possibilitar a construção conjunta, sendo um processo pautado na confiança e protagonismo do paciente, que irá assumir o papel de sujeito e agente na reabilitação. Assim, configura-se como estratégia possível para a expressão, organização e geração de novos recursos subjetivos, uma vez que "A conversação se constitui pelo envolvimento dos participantes no processo de comunicação, facilitando a expressão individual sobre temas que são relevantes para essas pessoas" (Mori, 2015, p.121).

Evidencia-se a importância de sistemas relacionais no processo de reabilitação e no decorrer das atividades de artes, que partem essencialmente do interesse dos pacientes, inclusive em grupos com temáticas pré-estabelecidas. Dentro dos grupos de Arte e Literatura, com o público adolescente e infantil, e Reeducação da Escrita, com adultos, apesar de ter objetivos específicos e temas norteadores, o diálogo é central no decorrer da atividade, onde cada um poderá participar do momento de fala e de escuta para colocar as próprias ideias e reflexões dentro do grupo para elaborar o pensamento próprio e conjunto, que irá resultar em suas produções e constituir a dimensão relacional-afetiva com seus pares e equipe.

Ademais, as atividades artísticas, nesse contexto, transcendem as limitações e possibilitam a sensibilização do olhar e da experiência. A vivência artística viabiliza a expansão do indivíduo e gera recursos subjetivos que favorecem ações e práticas com base na autonomia e potencial para colaborar com o reconhecimento do corpo físico e mental. Em um trecho do livro "Além do Corpo", Ana Amália Barbosa elabora sobre a ampliação da vida em seu trabalho com crianças com encefalopatia congênita e compartilha uma de suas experiências:

> Pedi para colocarem um rolo de papel kraft no chão e propus às crianças deitarem sobre o papel enquanto seus cuidadores desenhavam o contorno de seus corpos no papel, depois recorta-los e pinta-los e por fim construir cenas como esta, na qual a representação de seus corpos se inter-relacionam uns com os outros, dialogam, brincam, exploram o espaço como não podem mais fazê-lo na vida real, pois estão presos a cadeiras de rodas. Através da representação e da imaginação eles vão além das limitações que são impostas. (Barbosa, 2015, p. 14 - 15)

As produções simbólico-emocionais geradas durante as aulas de Artes Visuais no programa de reabilitação não são conscientes e nem iguais para todos. Dentro dos grupos, são ofertados espaços seguros para a experimentação e expressão por meio das técnicas artísticas, onde é possível experienciar, produzir e compartilhar. Os indivíduos trazem fatores limitadores e potencializadores para as oficinas de artes, mas permitem, em sua maioria, se organizar e reorganizar subjetivamente pelas práticas artísticas e o diálogo.

A prática profissional, nesse contexto, é permeada pela subjetividade que cada pessoa traz consigo. O trabalho na reabilitação é influenciado por essas relações e pela própria subjetividade do professor, que a todo momento faz um resgate de suas vivências de vida, que refletem na sua ação e conduta. À vista disso, o professor se autorregula para atender às necessidades do grupo, onde toma decisões didáticas voltadas para a valorização do potencial dos alunos e, ao mesmo tempo, se configura subjetivamente. A intencionalidade pedagógica é essencial nesse processo de transformação de sentidos subjetivos, pois permite, a partir de uma leitura dos processos subjetivos implicados nesse contexto, a elaboração de novas estratégias dialógicas que permitam aprofundar nesse caminho de desenvolvimento.

A partir da teoria histórico-cultural, (Pederiva *et al.* 2022) ressaltam que as práticas em artes contribuem para o desenvolvimento integral do indivíduo. Em sintonia com essa ideia, a articulação entre o processo de reabilitação e a arte/educação, elaboradas a partir da Teoria da Subjetividade, pode favorecer a produção de novos sentidos subjetivos e configurações subjetivas, estabelecendo alternativas criativas para superar limitações e pensar as potencialidades. À vista da Teoria da Subjetividade, esse referencial ganha forma e potência na prática profissional, mas não é uma consequência direta da mesma (González Rey; Goulart; Bezerra, 2016).

A conscientização e integração dessa teoria nas ações didáticas, ampliam as possibilidades de atuação profissional, de modo que, o professor de artes, em compromisso com a reabilitação e aprendizagem horizontal pautada no potencial, coloca-se como facilitador para que experimentações, vivências, diálogos e mudanças aconteçam. Essa postura expressa não apenas a evolução do indivíduo sob reabilitação, mas também a transformação contínua do próprio profissional, ao passo que produz sentidos subjetivos diversos que irão se relacionar em diferentes esferas de sua vida pessoal, profissional e social, onde permanecem em constante movimento.

> Os processos de mudança do outro, em qualquer prática profissional, configuram-se de forma tensa e contraditória no curso da prática, com desdobramentos e formas de comportamento imprevisíveis para o próprio profissional que a conduz. Nessa perspectiva, o profissional deve aceitar o desafio de se comunicar com o outro a partir do lugar que esse outro assume em cada momento da ação profissional. A

> mudança da subjetividade acontece de forma processual, a partir de múltiplos momentos e encadeamentos. (González Rey; Goulart; Bezerra, 2016, p. 63)

Nesse contexto de reabilitação, as oficinas e grupos de Artes Visuais também se destacam como ferramentas promotoras de saúde mental e bem-estar. No entanto, é de suma importância compreender que arte nessa proposição não se refere a "arte terapia", mas uma ação e prática provenientes da arte/educação. Consequentemente pode ter efeitos terapêuticos (Barbosa, 2015), assim como alívio do possível estresse que a internação pode causar, mas não se propõe a esse objetivo.

Dito isso, as oficinas e grupos de artes na perspectiva da Teoria da Subjetividade, que amplia o olhar sobre produções e processos humanos, podem configurar-se como espaços potentes para transformações, estímulo à autonomia, potencial e inclusão. Esses ambientes oportunizam trocas enriquecedoras entre pacientes, acompanhantes e professoras. Portanto, ao explorar linguagens artísticas, tais experiências permitem vivências singulares e desempenham um papel relevante no curso do desenvolvimento subjetivo dos indivíduos em reabilitação.

A arte, ao oferecer "terreno fértil" para experimentações e para a expressão, amplia o escopo criativo para a condição de sujeito e agente em diferentes esferas da vida pessoal e social. Tal fator pode enriquecer a vivência individual e contribuir para a emergência de sentidos e recursos subjetivos na compreensão de si em relação ao social. Assim, as oficinas e grupos de Artes Visuais não são apenas espaços de criação, mas de diálogo e trocas onde a subjetividade se desenvolve e se entrelaça com narrativas mais amplas.

6. Considerações finais

Este trabalho orientou-se à construção de um pensamento interdisciplinar, com o aporte da Teoria da Subjetividade sobre uma temática ascendente dentro do campo das artes: a arte em contextos de reabilitação infantil, ortopédica, neurológica e em neurorreabilitação medular, por professores de Artes Visuais.

Nesse sentido, foi elaborada uma breve contextualização da reabilitação em um contexto geral, com enfoque na neurorreabilitação em lesão medular e reabilitação infantil. Posteriormente, uma discussão sobre Artes Visuais nesse contexto foi construída com ênfase na arte/educação e na arte reabilitação, com considerações acerca da educação estética e da perspectiva histórico-cultural. Por fim, foi apresentada a Teoria da Subjetividade como alicerce teórico para discutir desdobramentos da reabilitação a partir do trabalho da arte/educação.

Apesar das publicações atuais de Ana Amália Barbosa que articulam arte/educação e inclusão, ressalto que houve dificuldade em achar referenciais teóricos em português localizados na área de reabilitação e elaborados por profissionais das artes. Com isso, percebe-se que esse tipo de trabalho multidisciplinar em ambientes hospitalares ainda está em construção, principalmente com as Artes Visuais. Ademais, a articulação entre arte reabilitação e subjetividade mostrou-se como um desafio teórico a ser superado, devido a escassez de estudos que relacionam esses assuntos.

Durante a elaboração deste estudo e experiência como estagiária, pude observar desafios relacionados à percepção e reconhecimento do papel do professor de artes. Em alguns casos, tornava-se evidente que havia uma subestimação da competência específica do professor de artes, com a crença de que qualquer outro profissional sentia ter a competência necessária para assumir a posição de “instrutor de artes”. Essa atitude e visão, acaba por promover atividades desvinculadas do real potencial que a arte oferece. Portanto, reconhecer e valorizar as competências do professor de artes é crucial para promover práticas educacionais mais enriquecedoras e alinhadas com o potencial estético e transformador da arte, evitando assim a perpetuação de estereótipos prejudiciais.

Apesar de todas as dificuldades de elaboração teórica e atuação como estagiária, não poderia deixar de reconhecer os ganhos que obtive com essa experiência formativa, inclusive na escrita do presente trabalho de conclusão de curso. Reforço que a capacitação promovida dentro do hospital de reabilitação em que estive presente, junto ao contato com os pacientes/alunos e equipe de Psicopedagogia/Artes, promoveu ressignificações das

percepções e posicionamentos sobre a arte/educação e o que significa uma educação inclusiva e interdisciplinar na prática. À luz da Teoria da Subjetividade, acredito que essa experiência promoveu mudanças e configurou-se subjetivamente em minha formação.

Longe de pretender uma conclusão absoluta, este trabalho propõe uma ação que acontece no dia a dia na arte reabilitação e que ecoa à Teoria da Subjetividade, a de lidar com o inacabado. Assim como no dia a dia nas atividades arte reabilitadoras, onde nem sempre é possível finalizar um trabalho artístico da maneira que se espera e fica a encargo do paciente encontrar as próprias soluções para decidir o que fará com as técnicas e vivências que esteve em contato durante as oficinas e grupos de/com artes em sua internação, a Teoria da Subjetividade propõe um diálogo aberto para que a ideia inicial se modifique e se transforme com o decorrer do tempo, como um incentivo para que novas ideias e questionamentos surjam. Frente a escassez de referência na literatura que fazem paralelos entre arte, reabilitação e a Teoria da Subjetividade, concluo que este trabalho é um convite teórico para caminhar entre ideias que se complementam.

Referências

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. Além do corpo: uma experiência em arte/educação. Cortez Editora, 2015.

BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos; MINERINI NETO, José. UMA ODISSEIA INCLUSIVA GROTESCO E CAPACITISMO: A RESPEITO DA ARTISTA E PROFESSORA ANA AMÁLIA. Palíndromo, v. 15, n. 36, 2023.

BASTOS, Ana Lúcia Gondin; CINTRA, Maria Elisa Rizzi. Experiência artística no desenvolvimento de projetos de autonomia: possibilidade de resistência à repetição de significações. BIS. Boletim do Instituto de Saúde, n. 45, p. 28-30, 2008.

BRAGA, Lucia Willadino. A origem do método Sarah. Palestra realizada em Brasília em 26 de maio de 2023.

BRANDÃO, Olívia Britto. Gestos criativos: arte e reabilitação neurológica. 2019.

CALDAS, Felipe Rodrigo; HOLZER, Denise Cristina; POPI, Janice Aparecida. A interdisciplinaridade em arte: algumas considerações. Revista Nupeart, v. 17, p. 161-171, 2017.

CAMPOS DA PAZ, A. Tratando doentes e não doenças. Brasília: Editora Sarah Letras, 2002.

DIAS, Natália M.; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. Temas sobre desenvolvimento, v. 19, n. 107, p. 206-212, 2013.

CAVATON, MFF. Desenho infantil: Uma forma de expressão da criança. S. BARBATO; MFF CAVATON. Desenvolvimento humano e educação: Contribuições para a educação infantil e o primeiro ano do ensino fundamental. Aracaju, SE: Unit, 2016.

DIAS, Natália M.; SEABRA, Alessandra Gotuzo. Funções executivas: desenvolvimento e intervenção. Temas sobre desenvolvimento, v. 19, n. 107, p. 206-212, 2013.

FANCOURT, Daisy; FINN, Saoirse. Health Evidence Network synthesis report 67. What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review. World Health Organization, 2019.

GONÇALVES, Augusto Charan Alves Barbosa. Arte enquanto técnica social dos sentimentos humanos. In: GONÇALVES, ACAA B.; ABREU, FSD. Educação Estética: A arte como atividade educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

GONZÁLEZ REY, Fernando; MITJÁNS MARTÍNEZ, Albertina. Subjetividade: teoria, epistemologia e método. Campinas: Alínea, 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando; GOULART, Daniel Magalhães. Teoria da subjetividade e educação: entrevista com Fernando González Rey. Obutchénie: Revista de Didatica e Psicologia Pedagógica, v. 3, n. 1, p. 13-33, 2019.

GONZÁLEZ REY, Fernando; BIZERRIL NETO, José. Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar. 2015.

GONZÁLEZ REY, Fernando; GOULART, Daniel Magalhães; DOS SANTOS BEZERRA, Marília. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. Educação, v. 39, n. Esp, p. s54-s65, 2016.

LEÃO, Raimundo Matos. A arte no espaço educativo. Revista de Educação CEAP, Salvador, v. 8, n. 31, p. 21-30, 2000.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015 Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Brasília, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em: 25 nov. 2023.
» http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm

MELO, Marina Augusta Kamei; DE CAMARGO SAMPAIO, Juliano Casimiro. Criatividade em Sala de Aula: as aulas de teatro como processo criativo. Cena, n. 31, p. 117-129, 2020.

MENDONÇA, Fabiana Luzia de Rezende; SILVA, Daniele Nunes Henrique. A educação estética em sala de aula: para além da instrumentalização da arte e da vida na escola. In: PEDERIVA, P. M.; GONÇALVES, ACAA B.; ABREU, FSD. Educação Estética: A arte como atividade educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MOREIRA, Andressa Urtiga; SILVA, Daniele Nunes Henrique. Experiência estética, arte, imaginação e criação na psicologia de Lev Vigotski. In: PEDERIVA, P. M.; GONÇALVES, ACAA B.; ABREU, FSD. Educação Estética: A arte como atividade educativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

MORI, Valéria D. Os sentidos subjetivos configurados na experiência do câncer: um estudo de caso. In: Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar. In: GONZÁLEZ REY, Fernando Luis; BIZERRIL NETO, José. Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar. 2015.

PEREIRA, M. E.; ARAÚJO, T. C. Enfrentamento e Reabilitação de portadores de lesão medular e seus cuidadores. Psico 37, 37-45. 2006.

SIMAS, Cláudia Gunzburger. Arte e reabilitação fazendo brotar emoção com ajuda de aparato digital. 2012.

VIGOTSKI, L. S.; PAULO AZEVEDO BEZERRA. Psicologia da arte. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

YEPAMAHSA, João Paulo Barreto; GONÇALVES, Luiz Davi Vieira. Teatro e povos indígenas: o perigo da folclorização. In: TERENA, Naine et al. Teatro e os povos indígenas: Janelas abertas para a possibilidade. n-1 edições, 2022.